



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO SUPERIOR EM LICENCIATURA EM
LETRAS - PORTUGUÊS

LUAN SEVERINO DE MELO SOBRINHO

TÍTULO:

**PEDAGOGIA DA SOCIOLINGUÍSTICA, PODER E FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO NA EJA**

MACEIÓ, AL

2025

LUAN SEVERINO DE MELO SOBRINHO

TÍTULO:

PEDAGOGIA DA SOCIOLINGUÍSTICA, PODER E FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
na Faculdade de Letras - português do Instituto
Federal de Alagoas como requisito básico para
a conclusão do Curso de Letras - Português.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Willianice Soares Maia

Co-orientadora: M.^a. Danielle Ferreira

MACEIÓ, AL

2025

410

M237p

Melo Sobrinho, Luan Severino de.

Pedagogia da sociolinguística, poder e filosofia da educação na EJA [recurso eletrônico] / Luan Severino de Melo Sobrinho. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 529 KB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profa. Dra. Willianice Soares Maia.

Coorientação: Profa. Ma. Danielle Ferreira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2025.

1. Letras – Português. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 3. Sociolinguística. 4. Filosofia da educação. 5. Formação pedagógica. I. Título.

Luan Severino de Melo Sobrinho


Pedagogia da sociolinguística, poder e filosofia da educação

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).


Orientador(a): Prof.^a Dr^a Willianice Soares Maia

Aprovado em 14 de outubro de 2025.

Orientador (a):


Documento assinado digitalmente
 WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 16/10/2025 15:47:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr^a Willianice Soares Maia.
Instituto Federal de Alagoas


Documento assinado digitalmente
 DANIELLE DA SILVA FERREIRA
Data: 21/10/2025 10:21:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Danielle da Silva Ferreira
Coorientadora (IFAL)

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ERONILMA BARBOSA DA SILVA
Data: 21/10/2025 10:49:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eronilma Barbosa da Silva
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente
 HUDSON KLEBER PALMEIRA CANUTO
Data: 16/10/2025 15:42:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Hudson Kleber Palmeira Canuto
Instituto Federal de Alagoas

MACEIÓ,AL

2025

RESUMO

A linguagem pode ser demonstrada de uma maneira positiva, mas também de uma maneira prejudicial à educação de jovens e adultos à medida que se pensarmos a linguagem de maneira estática e elitizada vamos desprezar as manifestações que vão além da gramática normativa, hierarquizando e separando como dialeto culto e a linguagem marginalizada. Na educação de jovens e adultos talvez esse status tenha sido fortalecido, diminuindo o aprendizado e fortalecendo a evasão. Através do método de pesquisa qualitativa e bibliográfica, temos como objetivo demonstrar a importância de entender as diversas manifestações da língua de uma maneira não elitizada e excludente, mas que possa facilitar na educação de jovens e adultos, por meio da sociolinguística variacionista e interacionista com suas perspectivas na formação pedagógica destes alunos, dentre os autores selecionados temos: Paulo freire, Foucault, Lukesi, Fabrício e outros.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Sociolinguística; Filosofia da Educação.

ABSTRACT

Language can be demonstrated in a positive way, but also in a way that is harmful to the education of young people and adults, as if we think of language in a static and elitist way, we will disregard manifestations that go beyond normative grammar, hierarchizing and separating cultured dialect and marginalized language. In the education of young people and adults, perhaps this status has been strengthened, reducing learning and strengthening evasion. Through the qualitative and bibliographic research method, we aim to demonstrate the importance of understanding the different manifestations of the language in a non-elite and exclusionary way, but which can facilitate the education of young people and adults, through variationist and interactionist sociolinguistics with their perspectives on the pedagogical training of these students. Among the selected authors we have: Paulo Freire, Foucault, Lukesi, Fabrício and others.

Keywords: Education of young People and Adults; Sociolinguistics; Philosophy of Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PEDAGOGIA DA LÍNGUA, DIVERSIDADE E ENSINO	9
3. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA EJA	13
4. PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	13
4.1 PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA.....	14
4.2 ATIVIDADES PRÁTICAS DE SALA DE AULA PARA EJA (JOVENS, ADULTOS E IDOSOS), UMA INSPIRADA NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OUTRA NA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA.....	15
4.3 PROPOSTA ASSERTIVA PARA ATIVIDADE 1 - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	15
4.3.1 TEMA: VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS DA NORMA-PADRÃO (DIALETO PADRÃO).....	15
4.4 PROPOSTA ASSERTIVA PARA ATIVIDADE 2 – SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA.....	16
4.5 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	17
4.6 SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA.....	18
4.7 NA PRÁTICA DA EJA.....	18
4.8 CONTRIBUIÇÕES PARA A EJA.....	18
4.9 QUAL ABORDAGEM SE ADEQUA MAIS À EJA?.....	19
5. A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO	20
6. O PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE COLETIVA	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO:

O domínio da linguagem constitui um poderoso instrumento de poder. A capacidade de expressar-se, compreender e produzir discursos não se limita a um ato comunicativo, mas representa condição essencial para o exercício da cidadania e para a participação ativa na vida social. Quem domina a linguagem tem maior possibilidade de intervir nos debates públicos, de questionar relações de autoridade e de construir sentidos sobre a realidade.

No campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa questão assume relevância ainda mais significativa. A aquisição da leitura e da escrita não apenas amplia o acesso ao conhecimento, mas também favorece a autonomia intelectual, fortalece a autoestima dos educandos e abre novas oportunidades de inserção social, política e econômica. Nesse processo, a linguagem deixa de ser apenas um recurso técnico e se transforma em ferramenta de emancipação, permitindo que sujeitos historicamente silenciados possam se reconhecer como protagonistas de suas histórias.

É importante salientar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), constitui um compromisso fundamental com a inclusão social e com a democratização do conhecimento. Ao oferecer oportunidades educacionais àqueles que não tiveram acesso à escola na idade regular, a EJA não apenas combate às desigualdades históricas, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e para o desenvolvimento do país.

Todavia, dentro desse contexto, analisamos a relação entre linguagem e educação é, portanto, intrínseca. Considerar a linguagem como ferramenta de transformação social significa reconhecer seu papel decisivo no processo de letramento. Nesse sentido, uma prática pedagógica que se fundamente no diálogo e na valorização das experiências dos educandos potencializa o aprendizado, tornando-o mais significativo e crítico. Essas trocas dialógicas dialoga com a sociolinguística interacionista, conforme aponta Fabrício (2006), ao conceber a linguagem não como um sistema autônomo e abstrato, mas como prática social situada, permeada por relações de poder, identidades e contextos específicos de interação. Desse modo, compreender a linguagem na sua dimensão interacional significa reconhecer que ela é construída coletivamente, em meio às disputas simbólicas e à negociação de sentidos, o que amplia sua relevância no processo educativo.

Como lembra Luckesi (1999), a educação deve ser entendida como um ato intencional e interacional, voltado para a formação integral do sujeito, e não como mera transmissão de conteúdo. Parafraseando-o, pode-se afirmar que ensinar não é apenas “depositar” informações, mas criar condições para que o educando questione, interprete e produza sentidos sobre a realidade em que vive. Assim, ao trabalhar com textos significativos que dialoguem com os interesses e vivências dos alunos, o educador não só desperta o prazer pela leitura e escrita, mas também fomenta o desenvolvimento de competências interpretativas, críticas e criativas, fortalecendo o papel da EJA como espaço de emancipação social.

A desigualdade regional no Brasil revela-se evidente quando se analisam os dados oficiais sobre analfabetismo. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua Educação 2015, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a taxa de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais na Região Nordeste era de aproximadamente 16,2%, enquanto na Região Sul esse percentual situava-se em torno de 4,1% (IBGE, 2016). Esses números demonstram a persistência de profundas desigualdades históricas e socioeconômicas entre as regiões brasileiras.

Observa-se ainda uma significativa diferença geracional: o analfabetismo concentra-se majoritariamente nas faixas etárias mais elevadas, especialmente entre pessoas com 60 ou 65 anos ou mais, enquanto entre jovens de 15 a 19 anos as taxas aproximam-se da universalização do acesso à alfabetização (IBGE, 2016). Tal cenário evidencia avanços nas políticas educacionais voltadas às novas gerações, mas também revela o passivo histórico acumulado em relação às populações mais idosas, reforçando a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como política pública reparadora.

Em âmbito global, dados da UNESCO indicam que, em 2015, a taxa mundial de alfabetização de adultos era de aproximadamente 86%, embora ainda existissem cerca de 750 milhões de adultos analfabetos no mundo (UNESCO, 2016). Esses números demonstram que, apesar dos avanços observados nas últimas décadas, a universalização da alfabetização ainda não foi plenamente alcançada, especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais.

Nesse sentido, considerando a realidade do Nordeste brasileiro e, particularmente, do estado de Alagoas, tais dados reforçam a relevância das práticas pedagógicas voltadas ao

letramento e à educação popular. A diferença geracional — marcada por altas taxas entre idosos e índices próximos da universalização entre jovens — indica que políticas como a EJA continuam sendo fundamentais para a promoção da equidade educacional. Assim, iniciativas pedagogicamente sensíveis, culturalmente situadas e socialmente inclusivas mostram-se essenciais para a consolidação de uma educação emancipadora e transformadora.

Ao se falar sobre alfabetização na prática interacionista, os dados de 2015 revelam um avanço significativo na alfabetização de adultos no Brasil, com mais de 167 mil pessoas sendo alfabetizadas, o que repercute muito no uso das tecnologias. No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir que todos os brasileiros tenham acesso à educação. A EJA, nesse sentido, desempenha um papel fundamental ao proporcionar uma segunda chance de aprender e construir um futuro mais promissor.

2. PEDAGOGIA DA LÍNGUA, DIVERSIDADE E ENSINO

Entretanto, pedagogia da língua busca demonstrar a linguagem no processo educativo, tanto de uma maneira positiva, quanto de uma maneira prejudicial na educação de jovens e adultos à medida que se pensarmos a linguagem de maneira estática e elitizada, vamos desprezar as manifestações que vão além da gramática normativa, quando falamos e abordamos a sociolinguística, que tenta desconstruir formas de fala, evitando colocar um papel na linguagem entre línguas superiores e inferiores, hierarquizando e separando como dialeto culto e a linguagem marginalizada. Por isso a importância de entender as diversas manifestações da língua de uma maneira não elitizada e excludente, mas que possa facilitar nas diversas formas de comunicação.

Na sociedade brasileira o poder através da linguagem tem sido exercido e dominado pelos meios de comunicação. Com a internet novas plataformas digitais têm exercido a função de uma maneira positiva e negativa, o que de certa forma prejudica as vozes dos alunos na comunicação, enquanto outras são silenciadas. Essas plataformas facilitam o acesso à educação, mas elas também são plataformas que dominam a cosmovisão da população. A partir desses novos discursos que precisa-se pensar no papel da educação e do educador. Segundo Bourdieu (1989) a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um instrumento de dominação. Portanto, Cyranca (2015, p.31) afirma:

É possível fazer ouvir novamente a voz que já foi calada pela escola? Será possível ainda reconstruir a autoestima destruída pela força do poder do

professor que, sem avaliar a dimensão e o alcance da sua voz vai semeando descrença enquanto vai ensinando? Que pedagogia estamos adotando quando nossos alunos se sentem incapazes de falar e de escrever ao longo de toda a sua vida escolar? Repetir não é suficiente. Enquanto se repete vai se fortalecendo a voz do outro e enfraquecendo a do repetidor, até que ela se apague e morra. Paulo Freire, sustentando seu discurso pedagógico justamente na busca do que chamou de educação libertadora, nos legou importante estratégia ao responder à pergunta fundamental: como passar do método da transferência de conhecimento para os métodos dialógicos? Em todas as suas discussões sobre a pedagogia da libertação, traz a reflexão a necessidade de dar voz aos alunos. Ouvi-los significa captar a linguagem deles e, necessariamente, seus temas, que vêm através de suas palavras de sua sintaxe. É claro, exatamente porque a linguagem é um problema de classe social.

A autora busca mostrar os obstáculos enfrentados por parte dos estudantes, isso prejudica no diálogo, visto que esta visão coloca uma grande barreira, porque existem muitas desigualdades e elas não são superadas, já que nenhum aluno pode fazer isso sozinho. Nessa perspectiva, o poder e comunicação devem dialogar, visto que é uma ideia centralizada, a qual as lutas são constantes e possuem um foco particular para Foucault (1989, p. 82) “O discurso de luta não se opõe ao inconsciente: ele se opõe ao segredo.” Dito isto, a pedagogia da língua, diversidade e ensino, na maioria das vezes não é mostrada e sim guardada, tendo em vista de destacar a língua como um processo variado por partes dos estudantes, uma vez que este paradigma não é quebrado por parte dos alunos. Desse modo, prejudicam-nos principalmente na interação na sala de aula, por se tratar e de viverem realidades diferentes, já que iniciaram os seus processos de ensino na EJA para buscarem voz na sala de aula sem precisarem ter medo de colocar os seus pensamentos críticos no meio da turma no ensino médio EJA, mas é fundamental a função do professor como intermediador, para ajudá-los a quebrar este preconceito.

A linguagem e a prática pedagógica é crucial refletir sobre o poder da linguagem para que tenhamos ciência da estrutura que nos cerca, como educadores não podemos reforçar nenhum tipo de desigualdade e de preconceito em nosso discurso ou em nossa prática pedagógica. Entendemos que um educador não utiliza a linguagem para dominar o discente, mas utiliza a linguagem como ferramenta para trazer o conteúdo com clareza, ou seja, para facilitar o aprendizado. Uma boa oratória é algo importante para a prática pedagógica, todavia, trazer o conteúdo de uma maneira atual e didática que englobe toda a heterogeneidade de uma classe.

É de fundamental relevância para nós que somos educadores não orientarmos nossa

prática pelo senso comum, segundo Lukesi (1994, p. 95) “O senso comum nasce exatamente desse processo de "acostumar-se" a uma explicação ou compreensão da realidade, sem que ela seja questionada”. Quando um educador é direcionado pelo senso comum isso mostra que esse educador está acomodado, uma postura preguiçosa em um educador resultará na má qualidade do ensino. Neste sentido, existe a necessidade de uma educação continuada e na formação permanente que consiste em está se reeducando ao longo da vida, pois o processo não termina após a formação acadêmica, mas se perpetua por toda a nossa vida. Na prática docente a relação com o saber é uma relação dinâmica, na prática pedagógica a relação com o discente é horizontal. Isto é, precisamos desenvolver o senso crítico de cada indivíduo. Ensinar a questionar para que os discentes não sejam guiados pelo senso comum, questionar sobre a estrutura social, questionar sobre a condição socioeconômica em que ele existe, sobre as relações de trabalho, sobre a qualidade da educação, sobre o acesso à educação e etc.

Quando questionamos estamos exercendo poder, de acordo com Foucault (1989, p. 183) “O poder não é algo principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força. Questão: se o poder se exerce, o que é exercido, em que consiste, qual é sua mecânica?”. Questionar é uma estratégia de resistência ao poder dominante e também uma ferramenta de empoderamento. Quando questionamos buscamos entender como o poder dominante funciona, ao entender buscamos melhores estratégias para transformar a sociedade, se buscamos transformar a sociedade estamos desafiando o poder dominante e exercendo poder, pois estamos rompendo com o senso comum e nos tornando pessoas críticas. O senso crítico não somente analisa as formas de dominação, mas também exerce poder para a transformação da sociedade. Essas perspectivas é o que queremos que os nossos alunos da Educação de Jovens Adultos e Idosos entendam como ser participativos na comunidade.

Segundo Foucault (1989, p. 3): “Duas palavras podem resumi-las: poder e saber”. Nessa perspectiva, demonstra a fundamentação e ver o quanto a linguagem e o poder estão entrelaçados e ajudam a contribuir para uma desenvoltura no aspecto ensino e aprendizagem. Certamente, esta visão tem um o grau de importância para ajudar os alunos a se adaptarem de acordo com as necessidades no ambiente escolar. Entretanto, a sociedade tem muitas dificuldades para diferenciar este “poder e saber”, até por parte dos docentes, porque este pensamento não é transmitida de forma clara e objetiva e os alunos da EJA são as principais vítimas, tendo em mente de não saberem qual a melhor forma de aprenderem, por meio do modelo interacionista, mas isso deve ser colocado e quebrado por parte dos professores com

uma ideia lógica a ser desenvolvida no ensino e prática escolar.

Ainda destaca Foucault (1989, p. 5) “É claro que é difícil avaliar retrospectivamente o seu grau de consciência.” Nessa lógica, percebe-se o grande obstáculo enfrentado por parte dos professores, uma vez que os seus alunos possuem realidades diferentes, tendo em vista que muitos deixaram de estudar: para trabalhar e sustentar a família, estes cidadãos não tiveram a mesma oportunidade que a classe dita alta, os quais eram os grandes privilegiados e os da classe trabalhadora o acesso à escola foi menos oportuno. Dessa forma, a compreensão é fundamental para se relacionar bem com aluno, porque cada um passou por muitas situações, as quais levaram a esta triste condição de vida, Freire (1997, p. 117) reforça esse fator.

Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial quase umbilicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção "bancária", entregar-lhes "conhecimento" ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido nas relações, cujo conteúdo nós mesmos organizamos.

Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação do mundo real, a não ser visto de um olhar de cima, medindo certas hierarquias.

Somado a isso, é possível perceber que a estrutura do povo está associada a uma visão deturpada e o grande preconceito exposto perante aos estudantes, já que eles não foram privilegiados na infância. Isso, de certa forma, acaba prejudicando-lhes na maneira da comunicação, tendo em vista desta ser uma das grandes barreiras colocadas à frente da população e é notório formular um questionamento por parte dos alunos, posto que precisam da ajuda do seus mestres para formular um conhecimento prévio daquilo a ser discutido na sala de aula. Sendo assim, será possível ter um diálogo mais proveitoso por parte dos estudantes, perante a sociedade para entender o contexto social que cada um se encontra.

Vale destacar que existe uma estrutura na população, a qual prega muito a falta de respeito a uma geração, visto que o ser pensante hoje está estagnado por parte dos intelectuais, tendo em mente a parte estruturalista. Nessa lógica, esta análise demonstra a pouca eficiência desta visão, dado que prejudica o funcionamento da mente de cada estudante na sua totalidade.

Portanto, é de extrema importância, buscar um esforço sistemático por parte dos professores para poder diminuir essa deficiência na educação e ajudá-los a buscarem coragem para quebrar estes paradigmas. Então, pode-se pensar no viés tanto da sociolinguística variacionista, quanto da interacionista, uma possível atuação docente.

3. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA EJA

Um aspecto fundamental para analisar os questionamentos da educação e problematizar a realidade da sociedade e como se deve fazer isso é a filosofia da educação na prática da EJA. Ela busca fundamentos concretos, dado que os alunos nesta modalidade ajudam-nos a compreender suas realidades e a mudar elas, por meio do pensamento crítico. Segundo FREIRE (1997, p. 29) “O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação.” Nessa visão, mostra o quanto o alunado não pode permanecer na mesma realidade e sim buscar mudar e se libertar do modelo tradicional conforme ajuda e intermediação do professor para que a criticidade e questionamentos rompam com qualquer barreiras colocadas em sua frente.

Para Freire (1997, p. 30) “precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça liderança revolucionária, mas resultado da sua conscientização.” Esta é uma realidade muito vista nas salas de aulas, posto que os alunos perderam a voz e elas são silenciadas, isso mostra o quanto o papel do professor do modelo tradicional realiza na prática docente, por isso esta perspectiva deve ser deixada de lado para tornar o aluno mais participativo na sala de aula, tornando-o protagonista.

4. PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A sociolinguística variacionista (inspirada em Labov, Bortoni-Ricardo) entende a língua como um conjunto de variedades, cujas diferenças se relacionam a fatores sociais, regionais, etários e de grupo.

Exemplo:

Segundo Fabrício (2020, pág.53) “o termo “etnografia da comunicação” pretende assinalar o necessário campo de ação, e encorajar a produção de estudos.” Em uma sala de EJA, o professor propõe a leitura de um texto jornalístico. Um aluno idoso, vindo da zona rural, ao comentar o texto, utiliza formas linguísticas próprias da sua comunidade de origem, como “nós vai” ou “as criança brinca”. Em vez de corrigir de modo punitivo, o professor explica que essa

forma de falar é legítima no seu grupo social, mas que, em contextos formais, como provas ou entrevistas de emprego, é valorizada a variante padrão. Relação professor–aluno: o professor valoriza a identidade linguística do aluno, explicando a coexistência das variantes e ensinando a “alternância de códigos” (Bagno, Bortoni-Ricardo), sem desqualificar o modo de falar do educando. O aluno sente-se respeitado e compreende que dominar a norma-padrão é um recurso adicional, e não uma negação da sua identidade. Segundo Fabrício (2020, p.53)

4.1 PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA

A sociolinguística interacionista (inspirada em Gumperz, Fabrício, Marcuschi) foca a linguagem como prática social construída nas interações, considerando o contexto, os papéis sociais e as identidades em negociação.

Exemplo:

Segundo Fabrício (2020, p.53) “a comunicação, que deverão fornecer o arcabouço referencial segundo o qual lugar da linguagem na cultura e na sociedade analisado.” Durante uma atividade de produção de textos autobiográficos, uma aluna adulta compartilha oralmente sua experiência de retorno à escola, narrando em “mistura” de registros, ora mais formais, ora mais coloquiais. O professor, em vez de interromper para corrigir, estimula a interação: faz perguntas, pede que outros colegas comentem, estabelece paralelos com textos literários ou jornalísticos que abordam trajetórias de vida. O foco não é na forma da fala, mas na construção coletiva de sentidos sobre a experiência narrada.

Relação professor–aluno: o professor atua como mediador do diálogo, reconhecendo que a linguagem emerge no encontro entre sujeitos e nas situações concretas. O aluno percebe que sua fala é um recurso de construção de identidade e de partilha de saberes, não apenas um “erro” a ser corrigido.

A visão de Foucault (1989, p. 76) “O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência.” Nesse viés, percebe-se o quanto é fundamental falar a verdade diante aos alunos, mas requer um cuidado, tendo em vista da maneira de como se fala, porque pode tornar-se sua inimiga, dado que a estrutura da comunicação entre alunos e professores está cada vez menor, mas isso não deve

impedir de ser dialógica, já que o aluno, por meio da sua interação precisa superar estes obstáculos e dificuldades. Sendo assim, este pensamento para se criar estas duas vias, necessitam criar pontes para facilitar no entendimento e ensino destas pessoas, para que não se sintam tomadas pelo medo de falar na sala de aula.

Seguindo nesta linha de pensamento o autor busca superar este tipo de mentalidade colocada por parte dos educadores, os quais buscaram, por meio da teoria, serem o centro das atenções, mas isso é quebrado, porque a teoria visa multiplicar, posto que não se pode guardar para si o conhecimento e sim ser partilhado. Dessa forma, os estudantes da educação EJA (jovens, adultos e idosos) conseguiram quebrar estas situações, para que sintam o tamanho da responsabilidade de assumirem o futuro do nosso país.

A partir das estruturas sociolinguísticas variacional e interacional, trouxe umas atividades, que eu aplicaria em sala afim de consolidar essas ideias e uma análise destas para saber as que melhores se aplicam.

4.2 ATIVIDADES PRÁTICAS DE SALA DE AULA PARA EJA (JOVENS, ADULTOS E IDOSOS), UMA INSPIRADA NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OUTRA NA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA.

4.3 PROPOSTA ASSERTIVA PARA ATIVIDADE 1 - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

4.3.1 TEMA: VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS DA NORMA-PADRÃO (DIALETO PADRÃO)

Objetivo: Reconhecer a legitimidade das diferentes variedades da língua e compreender o valor social da norma-padrão em contextos formais.

Passo a passo:

1. O professor apresenta uma notícia curta de jornal em norma-padrão (pode ser lida em voz alta ou projetada).
2. Em seguida, convida alguns alunos a recontarem a notícia “com suas próprias palavras”.
3. Ao surgirem marcas de variação linguística (como “os menino”, “a gente fomos”), o

professor anota no quadro exemplos das diferentes formas usadas.

4. Depois, promove a comparação: como essa frase aparece no jornal? Como foi dita em sala?
5. Conduz a reflexão: ambas as formas comunicam, mas a norma-padrão é exigida em concursos, entrevistas e documentos oficiais.
6. Finaliza valorizando a identidade linguística dos alunos: “O jeito que vocês falam também é português legítimo. O que vamos aprender é quando e por que usar cada variante”.

Produto esperado: Os alunos reescrevem a notícia em duas versões: uma na sua fala cotidiana e outra na norma-padrão.

4.4 PROPOSTA ASSERTIVA PARA ATIVIDADE 2 – SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA

Tema: Linguagem como prática social e construção de identidades

Objetivo: Compreender a linguagem como prática interacional, produzida em contextos sociais e culturais específicos.

Passo a passo:

1. O professor propõe que cada aluno escreva ou conte oralmente uma breve narrativa autobiográfica sobre “Minha volta à escola” ou “Um aprendizado importante da minha vida”.
2. Durante os relatos, o professor não corrige a forma da fala, mas faz perguntas para aprofundar (“Como você se sentiu nesse momento?”, “O que mudou depois disso?”).
3. Em seguida, abre espaço para que colegas comentem e façam conexões com suas próprias experiências.
4. O professor relaciona as falas com trechos de textos literários ou jornalísticos que também tratam de histórias de vida, mostrando que diferentes gêneros discursivos

podem expressar experiências semelhantes.

5. Finaliza discutindo: “Como nossas palavras constroem a forma como os outros nos veem? Como nossa fala expressa nossa identidade?”.

Produto esperado: Produção de um mural coletivo com frases ou trechos selecionados das histórias de cada aluno, valorizando suas vozes e experiências.

4.5 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A perspectiva variacionista, com base em Labov e autores brasileiros como Bortoni-Ricardo e Bagno, entende a língua como um sistema heterogêneo, em que coexistem variedades linguísticas relacionadas a fatores sociais, geográficos, históricos e etários.

Na prática da EJA:

- A atividade valoriza a legitimidade das formas de fala dos alunos (como “os menino” ou “a gente fomos”), evitando julgamentos negativos.
- O professor mostra que todas as variedades são parte do português, mas que a norma-padrão possui prestígio social em determinados contextos (ex.: concursos, entrevistas de emprego).
- O foco está em promover a chamada **alternância de códigos**, ensinando o aluno a transitar entre sua variedade de origem e a variedade valorizada socialmente.

Contribuições para a EJA:

- Promove respeito e autoestima linguística.
- Prepara o aluno para situações de uso formal da língua.
- Ajuda a combater o preconceito linguístico.

Limitações:

- A prática pode ficar muito centrada na comparação entre a fala popular e a norma-padrão, reforçando, mesmo que indiretamente, a hierarquia entre variedades.
- A interação e a construção de significados coletivos podem ser secundarizadas.

4.6 SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA

A sociolinguística interacionista, com base em Gumperz, Marcuschi e Fabrício, entende a linguagem como prática social situada. Não se trata apenas de variações estruturais, mas da **produção de sentidos em contextos de interação**.

4.7 NA PRÁTICA DA EJA:

- A atividade propõe narrativas autobiográficas e promove a escuta ativa entre professor e alunos.
- A linguagem é valorizada como recurso de construção de identidades, memória e pertencimento.
- O foco está na negociação de sentidos, na partilha de experiências e no reconhecimento das vozes dos educandos.

4.8 CONTRIBUIÇÕES PARA A EJA:

- Favorece a **horizontalidade da relação pedagógica**, em que professor e aluno são sujeitos ativos no diálogo.
- Permite que a linguagem se torne **instrumento de empoderamento e emancipação**, em consonância com a pedagogia freireana.
- Dá visibilidade às experiências de vida dos alunos, fortalecendo vínculos e a identidade coletiva.

Limitações:

- Pode não oferecer, de imediato, a sistematização necessária para dominar a norma-

padrão, exigida em contextos formais.

- Requer maior preparo docente para lidar com múltiplas vozes, narrativas e interpretações.

4.9 QUAL ABORDAGEM SE ADEQUA MAIS À EJA?

Ambas as perspectivas oferecem contribuições importantes:

A **variacionista** contribui para combater o preconceito linguístico e mostrar a legitimidade das variedades da fala dos alunos.

A **interacionista**, porém, se mostra mais **adequada à EJA**, porque dialoga diretamente com os princípios da educação libertadora de Paulo Freire, que vê o educando como sujeito histórico, ativo e produtor de sentidos.

Na EJA, não basta apenas ensinar a diferença entre variedades: é essencial que o aluno se reconheça como autor de sua palavra, capaz de dialogar com o mundo. A perspectiva interacionista permite que a sala de aula seja um espaço de trocas, escuta e construção coletiva de conhecimento, o que fortalece a identidade dos jovens, adultos e idosos que retornam à escola.

A **sociolinguística variacionista** é útil para trabalhar o prestígio e os usos da norma-padrão.

A **sociolinguística interacionista** é mais potente para a EJA, porque coloca a linguagem em seu papel social, crítico e emancipatório, alinhado à proposta freireana de uma educação dialógica.

De acordo com Foucault (1989 pág. 188) vem mostrar a magnitude dos dois limites: “por um lado, as regras do direito que delimitam formalmente o poder e, por outro, os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no. Um triângulo, portanto: poder, direito e verdade.” Nesse viés, o autor destaca o valor presente em cada estudante, os quais sentem no dever de colocar em prática todo o seu potencial, visto que a sua inteligência é para ser utilizada em qualquer ambiente, porque é o seu dever como estudante. Sendo assim, a verdade e suas experiências nas quais acreditam necessitam ser colocadas à tona para que elas não fiquem somente com o corpo docente e sim sejam expostas na sala de aula.

Adicionalmente, o poder está ligado com a verdade, para que de fato a linguagem seja analisada e colocada em prática, visto que ninguém nasce sabendo tudo e sim vai desenvolvendo o seu pensamento, em especial o crítico. Dessa forma, a verdade pode contribuir para aqueles que buscam vivê-la no campo educacional, para futuramente superar todas as adversidades na educação, em especial na modalidade jovens e adultos e possa diminuir com qualquer tipo de preconceito na sua totalidade e desconstrua esse paradigma para que possam construir suas identidades na sociedade.

5. A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO

A história e a realidade contemporânea mostram como a linguagem tem sido usada como ferramenta de poder e controle. No entanto, para Paulo Freire, essa mesma linguagem, quando redirecionada para uma prática emancipatória, atua como resistência e defesa contra a opressão. Em vez de reforçar estruturas dominantes, a linguagem dialógica permite que os educandos questionem e compreendam criticamente seu contexto. Esse processo é fundamental em movimentos de educação popular, em que a alfabetização se torna uma prática de transformação social, como visto nos círculos de cultura em zonas rurais do Brasil e em iniciativas educacionais em outras partes do Brasil.

Diferente do modelo tradicional, onde o conhecimento é transmitido de forma hierárquica e passiva, Freire propõe uma educação voltada para a "conscientização" e o diálogo. Segundo ele, a linguagem só atinge seu potencial educativo quando permite que o educando se reconheça como sujeito ativo e construtor de sua própria história Freire (2005, pág. 71). Dessa maneira, o educador exerce um papel facilitador, promovendo a interação crítica dos alunos com o mundo, em vez de reproduzir estruturas de poder opressivas. Dentro de um contexto de educação de jovens adultos é crucial que o aluno se perceba como sujeito ativo que através de seus conhecimentos vêm construindo a própria história.

Ao redefinir o papel de professor e aluno, Freire transforma a relação pedagógica em uma parceria onde ambos colaboram no processo educativo. Nesse contexto, o educador deixa de ser a única fonte de conhecimento e passa a promover o desenvolvimento do senso crítico do educando, preparando-o para reconhecer e transformar realidades de opressão. Essa abordagem desafia o poder autoritário tradicional e oferece ao aluno uma posição ativa na construção de saberes. Um exemplo dessa prática é encontrado nos círculos de cultura, onde

educador e educando interagem em um espaço de troca igualitária, discutindo temas relevantes para ambos e construindo coletivamente uma consciência transformadora.

6. O PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE COLETIVA

A linguagem, nesse cenário, vai além de um meio de comunicação; ela se torna um canal para a articulação das vivências individuais e para o fortalecimento de uma identidade coletiva. Freire destaca que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” Freire (2005, P. 79).

Ao usar a linguagem para expressar as realidades de opressão, os educandos não só entendem sua situação individual, mas também a conectam a uma experiência social e cultural compartilhada. Esse reconhecimento coletivo torna-se, então, uma força de resistência contra estruturas opressoras. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitos educandos carregam experiências de exclusão e marginalização, e a prática educativa libertadora permite que eles compartilhem essas experiências, gerando uma identidade coletiva que os fortalece na busca por justiça social. Freire enfatiza que, ao desenvolver essa compreensão coletiva e crítica, a linguagem passa a promover uma cultura de solidariedade e transformação.

Nessa visão, a linguagem e o conhecimento só atingem sua função plena quando colocados em prática, em um processo contínuo de ação-reflexão-ação. Esse movimento é essencial para o rompimento do isolamento imposto ao educando pela opressão, tornando-o sujeito ativo na transformação de sua própria realidade Freire (2005, p. 102).

A práxis educativa transforma a sala de aula em um espaço de mudança mútua, onde educador e educando engajam-se juntos na construção de uma nova realidade social. Esse aspecto se faz presente nos movimentos sociais, nos quais a linguagem é uma ferramenta fundamental para a conscientização e transformação das condições de vida. Assim, o educador se coloca como um companheiro de luta, atuando junto aos educandos para refletir sobre a realidade e, através dessa reflexão, impulsionar a ação necessária para a superação das situações de opressão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A educação tem um papel crucial dentro de uma posição dialógica para contribuir com a formação dos alunos do EJA. Exercitando o pensamento crítico para que cada indivíduo seja sujeito ativo de sua educação, sendo capazes de perceber as nuances nesses discursos.

Ainda na educação em destaque a educação de jovens e adultos, a proposta de Freire é a que mais se encaixa trazendo um posicionamento de transformação e resistência, propondo um relacionamento horizontal.

No entanto, os educadores precisam valorizar o diálogo e ter em vista as diferentes condições sociais que estruturam a sociedade, contribuindo para superar estruturas excludentes, nessa perspectiva a linguagem será a ferramenta para a emancipação dos alunos.

O percurso desenvolvido até aqui evidencia que a sociolinguística, em suas diferentes vertentes, oferece contribuições valiosas para o campo educacional. A perspectiva variacionista, ao reconhecer a legitimidade das variedades linguísticas, auxilia no enfrentamento do preconceito linguístico e no fortalecimento da autoestima dos educandos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA). Entretanto, é a sociolinguística interacionista que mais se alinha às necessidades desse público, pois compreende a linguagem como prática social, situada em contextos de interação, na qual sujeitos constroem identidades, negociam sentidos e participam criticamente da vida em sociedade.

Nessa perspectiva, a sala de aula deixa de ser espaço de mera transmissão de normas e passa a ser lugar de diálogo e de emancipação. A palavra torna-se instrumento de poder e de transformação, permitindo que educadores e educandos construam coletivamente novos horizontes de participação social. Assim, a pedagogia que se inspira na sociolinguística, articulada ao pensamento de Paulo Freire e às reflexões filosóficas de Foucault e Luckesi, consolida-se como prática capaz de romper silêncios, valorizar vozes historicamente marginalizadas e promover uma educação inclusiva e democrática.

Desse modo, reafirma-se o título deste trabalho — *Pedagogia da Sociolinguística, Poder e Filosofia da Educação na EJA* — como síntese de uma proposta que vê na linguagem não apenas um código a ser dominado, mas sobretudo uma ferramenta de resistência, de consciência crítica e de construção de cidadania.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CYRANCA, Luciane da Silva. *A voz silenciada na escola: um olhar crítico sobre a linguagem e o poder na sala de aula*. Curitiba: CRV, 2015.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. *Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”:* *redescrições em curso*. DELTA, v. 22, n. esp., p. 153-180, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor de língua materna em formação*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PONTINTA, Jacira. *O estigma da cor: memórias e experiências de uma mulher negra*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2020.
- GUMPERZ, John J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press,

1982.

FABRÍCIO, Branca Falabella. *Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro, 2020 MV Serviços e Editoras.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Educação 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 19 jan. 2026;

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=298965> Acesso em: 19 jan. 2026;

UNESCO. Global Education Monitoring Report 2016. Paris: UNESCO, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246230>. Acesso em: 19 jan. 2026;